



Ponto Urbe

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

9 | 2011

Ponto Urbe 9

Excursões populares e turísticas: um enfoque sobre quase grupos e práticas de lazer na praia

Adjane Araújo e Maristela Oliveira de Andrade



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/360>

DOI: 10.4000/pontourbe.360

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Adjane Araújo e Maristela Oliveira de Andrade, « Excursões populares e turísticas: um enfoque sobre quase grupos e práticas de lazer na praia », *Ponto Urbe* [Online], 9 | 2011, posto online no dia 01 dezembro 2011, consultado o 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/360> ; DOI : 10.4000/pontourbe.360

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.

© NAU

Excursões populares e turísticas: um enfoque sobre quase grupos e práticas de lazer na praia

Adjane Araújo and Maristela Oliveira de Andrade

As autoras agradecem ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA) da UFPB e a CAPES pelo apoio financeiro indispensáveis para a realização deste trabalho.

Introdução

- 1 A proposta deste ensaio é analisar o sentido simbólico do lazer de acordo com as categorias sociais envolvidas em sua prática. Para tanto, tomamos como referência o estudo do excursionismo, particularmente a excursão à praia, pelo fato de ser uma das mais tradicionais atividades coletivas de recreação e da praia se constituir em um espaço de sociabilidades.
- 2 Apesar de se tratar de uma simples prática de lazer, falar sobre passeios e/ou viagens de excursão não é tarefa fácil, pois poucos são os trabalhos acadêmicos que tratam sobre esses fenômenos. Para a análise proposta neste ensaio, consideramos aquelas excursões de um dia – também conhecidas como excursões bate-volta – e dialogamos, especialmente, com o trabalho de Alcantara (2005) por ser um dos poucos estudos que faz uma abordagem etnográfica do excursionismo, sobretudo, as excursões populares.
- 3 Utilizamos o termo quase grupos apoiando-nos em Mayer (2010) em razão das excursões se encaixarem no conceito do autor, uma vez que envolvem pessoas que se reúnem em torno de um interesse comum, isto é, vivenciar um dia de lazer na praia, mas que não constituem grupos definidos que mantêm alguma forma de associatividade entre seus membros. Essas formas de relações sociais serão analisadas como condição inerente ao processo associativo desta modalidade de lazer coletivo.

- 4 Visamos com esse trabalho contribuir para a discussão das distinções sociais reproduzidas no lazer e suas implicações no usufruto dos espaços da praia. Sobretudo, diante da implementação de políticas públicas que, visando à gestão do turismo no espaço litorâneo, atuam como mecanismo de exclusão dos segmentos sociais menos favorecidos. Nesse sentido, traçamos uma breve reflexão sobre a construção da praia como um espaço de lazer, analisando comparativamente excursões populares e turísticas a fim de conhecer os elementos simbólicos que perpassam estas práticas.

A praia: espaço de distinções e sociabilidades

- 5 A história da relação do homem com o mar é descrita como um processo simbólico, onde a repulsa pela natureza selvagem, aparentemente sem beleza e utilidade, transformou-se em volúpia, criando novas sensibilidades e aproximando o homem das virtudes da natureza marítima (Corbin, 1989). Seguindo a cronologia de alguns autores, durante o século XVIII e metade do século XIX, os fins medicinais e terapêuticos associados aos banhos de mar foram os motivos iniciais para o despertar de práticas e desfrutes que, mais tarde, criaram novos valores associados à harmonização do corpo como o ambiente marítimo (Corbin, 1989; Machado, 2000; Rauch, 1995).
- 6 Nesse imaginário, a vilegiatura marítima, que se tornava uma prática social por proporcionar benefícios físicos – como a possibilidade de respirar bem, acalmar a ansiedade, curar febres, insônias e melancolias –, acabou por despertar prazeres estéticos, tais como o estímulo ao espírito de aventura, o desfrute da agradável paisagem, o desporto ao ar livre, a distração em meio a um público elegante, entre outras emoções (Corbin, 1989). Machado (2000) e Rauch (1995) explicam que essa passagem da praia terapêutica para a praia lúdica é entendida a partir da mudança ocorrida nos horários de utilização da praia, pois enquanto os potenciais terapêuticos associam-se aos elementos frios da natureza, a ideia hedonista corresponde à valorização dos elementos quentes do ambiente à beira-mar.
- A luz e o calor do sol ganham um grande relevo na estruturação dos códigos de apreciação da natureza marítima. À medida que a praia começa a ser freqüentada na altura do dia em que o “quente” se sobrepõe ao “frio”, chega-se mais tarde à praia, permanece-se mais tempo e desenvolvem-se outras atividades além do banho de mar. A praia é cada vez mais entendida como um espaço de convívio, de alegria, de lazer. Progressivamente, a praia assume um caráter de espaço público (Machado, 2000, p. 213).
- 7 O desejo pelas praias e pelo mar começa, então, a incitar o deslocamento de um fluxo cada vez maior de pessoas e o surgimento de práticas de lazer para usufruto desses espaços. Diversos autores destacam a transformação da praia em um espaço moderno, associando esse processo à crescente urbanização, à idealização de ambientes mais tranquilos e saudáveis, à consolidação do modo de produção capitalista, à ascensão da burguesia industrial e, conseqüentemente, ao desejo e à busca das elites por práticas sociais distintivas (Cardoso 2008; Corbin, 1989; Machado, 2000).
- 8 É nessa perspectiva que a praia se torna um espaço de sociabilidades no qual se configuram novos hábitos coletivos bem como novos esquemas de apreciação e modelos de comportamento – maneiras de postar-se, permanecer na praia, sentar-se, estender-se na areia (Corbin, 1989). Além desses elementos estéticos, somam-se a construção de casas de praia representando um refúgio para o repouso na estação de verão, as vestimentas e

os acessórios ditando modas, a exposição do corpo revelando intimidades e anseios sentimentais, o ato de fotografar possibilitando a apropriação da natureza através da imagem e o estímulo de estudar a natureza e biologia marítimas como sinal cultural e simbólico de *status* social (Cardoso, 2008; Machado, 2000; Rauch, 1995). Assim, a estadia na praia passou a significar, sutilmente, um estilo de vida distintivo e uma prática ostentatória daqueles que sabem usar o tempo livre e dos que podem gozar de um tempo livre. (Cardoso, 2008; Machado, 2000).

- 9 No entanto, uma série de mudanças ocorridas na sociedade industrial repercutiu no caráter elitista dos balneários de praia. A melhoria das estradas e do sistema de transportes, os meios de comunicação propagando os locais de veraneios, a diminuição da carga horária de trabalho, o dinheiro sob forma de salários e a conquista das férias por parte dos trabalhadores induziram a mobilidade de parcelas da população, proporcionando o rápido crescimento do lazer de massa e, conseqüentemente, a vulgarização dos balneários, outrora locais exclusivos dos grupos sociais dominantes (Krippendorf, 2001; Urry, 2001).
- 10 No decorrer dessas transformações, o turismo se moderniza com a consolidação das primeiras entidades e associações no setor de meios de hospedagem, o oferecimento de guias turísticos e eventos, as viagens organizadas para fins de lazer e recreação, o aumento das excursões de um dia direcionadas, especialmente, para os balneários da moda, de forma que, nitidamente, o público das viagens itinerantes se diferenciava daqueles que afluíam à praia no período de alta estação (Rejowski et al., 2002; Urry, 2001).
- 11 Nesse sentido, desenvolveu-se uma hierarquia do balneário e uma nítida segregação de classes. À medida que os balneários mais acessíveis às grandes e pequenas cidades industriais iam se popularizando, os visitantes de *status* social mais elevado iam se distanciando à procura de paisagens, acomodações e tons sociais mais superiores (Urry, 2001). Corbin (1989) ainda destaca que a chegada de novas categorias sociais, além de levar muitos aristocratas a se refugiarem em novas praias, criou o hábito *distingué* nos meses de freqüentar os balneários. Segundo o autor, efetuou-se uma modificação no calendário das temporadas de forma que, se no verão a praia tornava-se abarrotada e barulhenta, os meses de agosto e setembro passavam a ser estações mais nobres para a alta sociedade.
- 12 No entanto, essas estratégias não foram suficientes para diminuir a diversidade social na praia e restringir o acesso dos segmentos populares. Urry (2001), por exemplo, cita que, em alguns balneários na Europa, foi necessário cercar o terreno e instalar guarita com entrada paga a fim de excluir as classes populares da praia ou facultar o acesso apenas para aqueles que tinham condições de se acomodar em determinado meio de hospedagem da localidade.
- 13 Por esse motivo, apesar da ocorrida popularização do lazer a beira-mar, o usufruto da praia continuou sendo socialmente seletivo e relativamente restrito em função dos diferentes tons sociais que se configuravam na conquista dos melhores espaços (Urry, 2001). Tais estratégias de distinção e medidas de controle, mediante, por exemplo, a cobrança de taxa de turismo, são também percebidas nos dias atuais e isso acontece tanto em função do valor paisagístico – paisagem natural e romântica, a qual se pode contemplar com deleite (Urry, 2001) – quanto devido ao interesse dos diversos atores que buscam se agrupar com os demais de acordo com suas semelhanças e diferenças, construindo um grau nítido de inclusão e exclusão social nos espaços da praia.

- 14 Para essa compreensão, Bourdieu (2007) explica que o mundo social pode ser representado sob a forma de um espaço no qual podemos recortar classes sociais que ocupam posições de acordo com atitudes e interesses semelhantes. A posição de um determinado agente no espaço social é definida pela posição que ocupa nos diferentes campos - econômico, cultural, social ou simbólico - e na distribuição dos poderes em cada um deles. Dessa forma, as relações sociais se organizam e os agentes se distribuem, espontaneamente, no espaço segundo a lógica da identificação e da distinção, que tende a funcionar simbolicamente como espaços de estilos de vida (Bourdieu, 2007).
- 15 Assim, a praia como espaço social passa a significar não só um lugar de lazer como também inaugura distintas formas de sociabilidade. A presença simultânea de distintas classes sociais reflete as diferenças de estilos de vida entre aqueles que circulam na praia, sendo particularmente visíveis nas formas de consumir. Pois, seguindo uma cronologia do uso terapêutico da praia para o uso lúdico, pode-se dizer que, num terceiro momento, a praia se transforma num lugar que atrai para diversas formas de consumo, efetivando-se como palco de disputas simbólicas de poder na apropriação e usufruto de seus espaços.
- 16 Essa discussão envolve a produção e gestão do turismo em espaços litorâneos, bem como a transformação de tais espaços para um público seletivo - que se encaixa nas novas configurações sócio-espaciais e nos padrões de consumo - em detrimento dos segmentos sociais não compatíveis com a transformação da praia em um destino turístico (Alcantara, 2005). Trataremos tal perspectiva a partir da caracterização de dois públicos de excursionistas que se reúnem na busca de um momento de lazer e divertimento na praia, porém se diferenciam por representarem de um lado um modelo de lazer alternativo e, de outro, um lazer agenciado por empresas de turismo.

O domingo de sol na praia

- 17 Passar o domingo na praia é uma prática de lazer bastante vivenciada pelas camadas populares, principalmente porque, para muitos, o domingo representa o dia de folga do trabalho e a praia uma opção de lazer de baixo custo. A combinação lazer e praia, além de alternativa pouco dispendiosa, é uma oportunidade de diversão coletiva (Rodrigues, 2001), em especial quando o passeio é realizado por excursão.
- 18 As excursões populares são passeios e/ou viagens organizadas sem uso de grandes recursos e empreendidas por indivíduos de baixa renda, os quais munidos de alimentação - comida e bebida - arcam com as despesas mínimas do transporte e consomem poucos produtos e serviços no local de destino (Alcantara, 2005; Aoun, 2001; Bruhns, 2000; Rodrigues, 2001).
- 19 A organização coletiva da viagem é uma característica que traz a ideia de quase grupo, pois as excursões geralmente envolvem a participação de membros de grupos diferenciados, isto é, o vizinho de um, o irmão de outro e assim por diante. Mayer (2010) explica que no quase grupo as interconexões não são permanentes, estão centradas num propósito comum e seus membros possuem laços sociais em função de participarem de outros grupos fundamentados, por exemplo, no parentesco, em laços de amizade, seita religiosa, clube esportivo, partido político, entre outros.
- 20 Contudo, apesar de não estarem envolvidos por uma associatividade fixa, Alcantara (2005) coloca o compartilhar como elemento fundamental das relações e experiências do passeio de excursão das camadas populares. O uso de depósito de isopores, a repartição do

alimento, a qual inclui até mesmo a divisão do ato de cozinhar, os custos da viagem, a propaganda boca a boca, as brincadeiras na praia e durante a viagem, o cantar e o contar piadas. Todas essas práticas, além de ser compartilhadas, acabam sendo um motivo a mais para o passeio (Alcantara, 2005).

- 21 Magnani (2003) inclui as excursões populares na categoria de rede de lazer – uma rede de relações e interações entre familiares, amigos, colegas e desconhecidos – e também ressalta as animadas conversas, o circular do lanche, o acolhimento aos integrantes que aparecem de última hora para o passeio e o entusiasmo pela perspectiva de passar um dia diferente na praia. Segundo o autor, ao descrever a organização das excursões, tudo se passa como uma preparação para uma grande festa.

Primeiramente, o aviso afixado na padaria do bairro informando preço, local, dia e hora da saída; depois a contratação do ônibus [...]; a venda da passagem a colegas, vizinhos e parentes; finalmente, a preparação do imprescindível farnel o encontro e a curta mais animada viagem (Magnani, 2003, p. 124).
- 22 Mayer (2001) também utiliza o conceito de rede, já que no quase grupo os indivíduos, mesmo sendo transitórios e diferentes, se articulam em torno de um propósito pelo fato de possuírem relações externas definidas no âmbito de uma rede social. Por esse motivo, na dinâmica das excursões populares, mesmo não havendo a permanência e regularidade da participação dos seus membros, estabelecem-se relações de troca e sociabilidades que são visíveis nas formas de descontração e ocupação dos espaços da praia: “futebol na areia, banho de mar, pescaria, caminhar pelas pedras, apreciar o movimento, saborear o lanche” (Magnani, 2003, p. 125).
- 23 No entanto, tais práticas e características comuns ao público das excursões populares, não só expressam o caráter alternativo de passar um dia diferente na praia, como constroem, no senso comum, a imagem de um segmento social conhecido e identificado por “farofeiro”. O termo bastante popular é designado àquelas pessoas que vão à praia em caravana e levam todos os mantimentos necessários para o dia de lazer. No entanto, Alcantara (2005) chama atenção para o fato de que tal imagem acaba reproduzindo uma desqualificação simbólica associada ao excursionista de baixa renda, pois, seus momentos de farra, descanso e descontração são muitas vezes interpretados como desordem, bagunça e invasão.
- 24 Excursionistas que chegam à praia trazendo sua alimentação e utensílios domésticos, sobras do farnel descartadas nos espaços da praia, ônibus mal conservados que ocupam espaços significativos na orla muitas vezes transportando pessoas além da sua capacidade, concentração do comércio ambulante para atender o perfil socioeconômico desse público, conversas em tons altos, gritos de crianças, bebedeiras, tudo isso faz com que o “farofeiro” seja considerado mal educado, poluidor e bagunceiro, alguém que não contribui para a circulação de renda na localidade, que consome apenas os espaços, promove despesas públicas e prejuízos ambientais. (Alcantara, 2005). Segundo o autor, essa imagem estigmatizada do “farofeiro”, torna o excursionismo popular uma prática de lazer desvalorizada e uma atividade ambientalmente impactante.
- 25 Bruhns (2000) também discute essa questão e, baseada no estudo de Macedo e Figueiredo (1986), explica que três aspectos são destacados na imagem que se tem do excursionista “farofeiro”: são apontados pela falta de modos e respeito por fazerem os espaços da praia e do mar de cozinha, dormitório e banheiro; são poluidores pela produção de barulho, pela sensação de invasão da praia causando feiúra e deselegância; e são considerados uma

- praga que espanta a boa clientela em função da sua condição socioeconômica, que não permite a utilização dos empreendimentos turísticos e comerciais locais.
- 26 Somando-se a esses estigmas, por não serem organizadas por alguma agência ou promotor de viagens, as excursões populares são apenas consideradas e conhecidas como excursões de “farofeiros”, domingueiras, piratas e/ou clandestinas (Rodrigues, 2001; Aoun, 2001). Assim, o excursionismo popular acaba sendo classificado como uma prática de lazer irregular enquadrada no setor informal da economia (Alcantara, 2005; Rodrigues, 2001).
 - 27 Vale lembrar que, em alguns casos, o extra que o motorista do ônibus e o organizador da excursão recebem pela viagem comprova que o passeio tem mais a finalidade de usufruto da praia e descontração coletiva do que um fim lucrativo, o que reforça o caráter lúdico da atividade.
 - 28 No entanto, a visão estigmatizada da prática popular do excursionismo tem sido uma das principais causas para justificar certos processos de privatização da praia, pois, diante do surgimento de impactos ambientais pela presença desse segmento social, os atuais modelos de planejamento público buscam estabelecer barreiras e restrições à mobilidade dessas pessoas, como, por exemplo, adotar cobrança de taxa de turismo para a entrada, circulação e permanência dos ônibus de excursão na praia (Alcantara, 2005).
 - 29 A arrecadação está direcionada, principalmente, ao excursionismo em várias praias do litoral brasileiro e é justificada no sentido de gerar receita adicional para ser revertida em melhoria de infra-estrutura, disciplinar a massificação do lazer e assegurar a preservação ambiental da praia enquanto estância turística. Contudo, tal medida adotada em muitas faixas litorâneas pelo poder público municipal, além de impor novos modelos de organização e uso do território, inviabiliza o acesso dos “farofeiros” às áreas balneares, já que suas limitações de renda não permitem o pagamento da taxa de turismo.
 - 30 Vale destacar que, para os “farofeiros”, a escolha e motivação para frequentar uma determinada praia provém de referências familiares ou de amigos e, em alguns casos, a praia se torna estância tradicional das excursões populares, isto é, um lugar onde todos se encontram, se conhecem e restabelecem relações sócio-espaciais antigas. Uma vez submetidos ao pagamento de uma taxa para ter acesso à praia, os excursionistas se veem obrigados a procurar novas paisagens para novamente transpor suas formas de sociabilidade em outros espaços.
 - 31 Assim, podemos considerar que a transformação da praia em destino turístico legitima novos processos de exclusão, pois, o controle do acesso dos ônibus de excursão de um dia à praia, mediante o pagamento de taxa de turismo, promove a segregação das classes populares, aprofunda as desigualdades e pouco soluciona os problemas ambientais advindos da atividade de lazer.

O turismo de sol e mar

- 32 Água, sol, calor e paisagem, além de constituírem um singular atrativo e funcionarem como motivação básica para o lazer em praias, são recursos apontados como uma das principais e primeiras motivações para as viagens de férias e turismo (Rejowski et al. , 2002; Urry, 2001). Por esse motivo, o tradicional turismo de sol e mar é predominantemente praticado e a utilização dos espaços litorâneos para o desenvolvimento de atividades turísticas possui uma tendência marcante de massificação

(Andrade, 2002; Urry, 2001), sobretudo, quando a atividade acontece por meio do excursionismo, já que essa modalidade envolve um fluxo grande de pessoas em sua prática.

- 33 O excursionismo é classificado por viagens temporárias na qual o visitante chega e sai no mesmo dia do local de destino (Andrade, 2002). Quando realizado para atender um público de turistas, possui uma demanda concentrada no período de verão e, frequentemente, é organizado para garantir que o turista hospedado numa determinada localidade tenha a oportunidade de conhecer os atrativos do entorno, com razoável conforto e sem gastos excessivos.
- 34 O preço da excursão não só inclui o transporte, como também a assistência de um guia e as tarifas para visitação dos atrativos turísticos. Viaja-se, na maioria das vezes, com um itinerário programado e os excursionistas acabam se envolvendo com horários pré-determinados, visitas a locais pré-selecionados, alimentação em bares e restaurantes conveniados, entre outros serviços. “Geralmente as programações são contínuas, compactas e, de certo modo cansativas, por causa da pressa ou da obrigação de cumprimento do roteiro e dos compromissos assumidos por contrato de viagem” (Andrade, 2002, p. 57).
- 35 O turista excursionista, também conhecido por visitante de um dia, não possui ramificações que o ligam e o levam a participar da excursão, apenas compra um passeio – *city tour* –, através de uma agência ou promotor de viagem, para conhecer um ou vários destinos turísticos. Nesse caso, encontramos características que se encaixam no perfil de um quase grupo, pois, o critério para participação na excursão não requer a interação entre seus membros (Mayer, 2010). Daí o sentido da presença de um guia na excursão para incentivar algum tipo de animação e possibilitar alguma socialização entre os indivíduos. Outra estratégia de socialização é o agenciamento de excursões para públicos homogêneos, no sentido de atender a necessidades comuns e oferecer serviços específicos para os integrantes que eventualmente viajam juntos, como por exemplo, o segmento da terceira idade, o estudantil, o desportivo etc. Estes arranjos favorecem a sociabilidade e a formação de quase-grupos.
- 36 Contudo, nos diversos segmentos algumas práticas são semelhantes entre os participantes das excursões turísticas. Os excursionistas chegam à praia trazendo consigo diversos acessórios, como, por exemplo, a câmera fotográfica e a filmadora, o óculos de sol, o chapéu e a bolsa de praia, os protetores solares. Consomem no local de destino, utilizam os equipamentos de alimentos e bebidas, compram o *souvenir* ou a lembrança do artesanato local, e tudo isso funciona como uma forma distintiva de usufruto dos espaços da praia. A esse respeito, Urry (2001) destaca que o consumo é um elemento característico da experiência do turista, pois, para que o mesmo possa vivenciar o lugar, é necessária a produção de uma série de serviços para atendê-lo. Por esse motivo, tem-se a concentração de hotéis e pousadas, bares, quiosques e restaurantes, lojas de artesanatos e de artigos para práticas esportivas (windsurf, kitsurf, mergulho, caiaque, etc.), clubes, boates, cinemas, entre outros estabelecimentos para oferecer produtos e serviços nos padrões de consumo desse público.
- 37 Outra característica que leva o turista excursionista a uma apropriação diferenciada do espaço é o fato das excursões serem mais itinerantes, isto é, buscam percorrer mais de um atrativo por viagem a fim de captar o maior número possível de paisagens. Essa mobilidade demonstra a superficialidade do contato do turista com o lugar visitado e nos

faz lembrar as reflexões de Bauman (1998), quando o autor utiliza a figura do turista como metáfora para explicar o jogo da mobilidade na pós-modernidade. De acordo com o autor, os turistas que valem o que comem realizam a façanha de estar dentro e fora do lugar que estão visitando ao mesmo tempo, guardando sua distância como se estivessem dentro de uma bolha de osmose, podendo sair de novo em busca de outros destinos quando sua diversão parecer ter-se esgotado.

- 38 Contudo, exatamente em função do consumo e da sucessão de paisagens que são visitadas, a viagem confere *status* àqueles envolvidos em sua prática (Krippendorf, 2001; Urry, 2001) e os turistas excursionistas são vistos como visitantes de mínimo impacto e como bem vindos nos locais de destino. Além disso, diferentemente das excursões populares, as excursões turísticas são gerenciadas por empresas de turismo, são regularizadas e enquadram-se no setor formal da economia.
- 39 Nesse contexto, o excursionismo, quando praticado por esse segmento social, se encaixa no discurso vigente do turismo como fonte de geração de divisas e, mesmo que se trate de uma atividade de massa possível de gerar impactos ambientais, o fato de ser um indicador de receitas faz com que essa modalidade turística seja, em termos socioeconômicos, aceita e estimulada. Por esse motivo, as atuais medidas de controle às atividades de lazer na praia não incluem restrições ao acesso deste público excursionista. Em alguns casos, a única cobrança é a garantia da utilização de algum empreendimento turístico da localidade, o que implica a comprovação de se tratar de turistas consumidores de um dia.

Considerações finais

- 40 Podemos diferenciar as formas de vivenciar o lazer na praia, partindo da proposta de Urry (2001), que adota a ideia do olhar. Este pode ser um olhar romântico, isto é, direcionado à tranquilidade e ao contemplar individual da paisagem, ou um olhar coletivo, que está direcionado à agitação, ao *animalesco* e à apreciação do lugar onde todos se encontram. Podemos ainda interpretar o primeiro como o olhar dos turistas e o segundo como o olhar das classes populares. No entanto, o propósito da ida a praia de ambos os segmentos, mesmo diante de elementos distintivos, assume motivações simbólicas. O prazer de mostrar as fotos ou de relatar a viagem, de lembrar os lugares, encontros e paisagens, por exemplo, pode ser considerado uma das grandes satisfações que perpassam o universo simbólico da viagem dos integrantes de ambos os segmentos excursionistas.
- 41 O consumo e as características de estilo de vida são os princípios que traduzem as distinções simbólicas para que o lazer adquira novos contornos (Bourdieu, 1994). Assim, são as posturas corporais, as formas de se alimentar, vestir, falar, as preferências musicais, as práticas esportivas etc. que exprimem distinções sociais e esquemas de classificação (Bourdieu, 1994) nos espaços da praia. São também os elementos que produzem os sistemas de disposições, *habitus*, no qual as pessoas se identificam e reafirmam seus gostos de classe e, principalmente, mantêm suas distâncias e aversões sócio-espaciais (Bourdieu, 1994). Evitar, por exemplo, a praia aos domingos é uma maneira bem sutil de não se misturar e se opor aos públicos populares mais pobres e menos sofisticados, isto é, aos “farofeiros”.
- 42 A partir dessas considerações, o enfoque das excursões nos permite concluir que, no primeiro caso, os indivíduos se articulam para um lazer vinculado à possibilidade de

diversão e descontração coletiva, por esse motivo na sua prática se desenrolam laços de sociabilidades. No segundo os indivíduos se agrupam para uma prática turística associada a diversas estratégias de consumo, já que, em paralelo a potencial atratividade da praia, a oferta de uma gama de produtos e serviços turísticos orientam para formas distintas de vivenciar o lazer no espaço praial.

- 43 No entanto, tais características não descartam a ideia de que a ida à praia seja um dos padrões sociais incorporados pelas classes populares nas suas formas de divertimento, mesmo porque os primeiros registros apontam o lazer na praia como uma prática das classes sociais privilegiadas (Corbin, 1989; Machado, 2000; Rauch, 1995). Vale destacar ainda que, diante da difusão de elementos “[...] capazes de ditar moda e estilos de vida a serem imitados” (Aoun, 2001, p. 79) – tais como o corpo bronzeado, a cerveja gelada, os trajes de banho, e até mesmo a atração da praia como um lugar de encontros e contatos sociais – vivenciar um dia de lazer na praia acaba ganhando significados simbólicos, mesmo para aqueles que aparentemente não se encaixam nos padrões sociais de consumo comuns dos destinos turísticos.
- 44 A caracterização das excursões populares e turísticas, não só permite visualizar os estigmas e as caricaturas criadas em torno dos segmentos que buscam o lazer na praia, como também contribui para a discussão dos atuais mecanismos de exclusão dos frequentadores cujas práticas estão em desacordo com os padrões sociais e espaciais impostas pelo modelo turístico. A implantação de políticas públicas de turismo impõe mecanismos de apropriação do espaço para os públicos excursionistas de forma diferente, pois, o controle na maioria das vezes é imposto exclusivamente aos populares, já que o arroz, a farofa e o frango assado não combinam com as paisagens que atraem para o consumo.
- 45 Desta análise podemos concluir que a praia, como cenário social, torna-se um espaço de inclusão e exclusão entre o rico e o pobre, o sujo e o limpo, o feio e o bonito, não só em função de distintos padrões de sensibilidades, como também pelos desiguais padrões de consumo que acabam repercutindo diferentes interesses em disputa, sobretudo quando a praia se torna um ponto de atração turística. Além disso, a implantação de barreiras materiais e simbólicas para excluir os excursionistas pobres, infringe o direito de ir e vir dos cidadãos e contradiz a ideia corrente no Brasil da praia como um espaço público e democrático.

BIBLIOGRAPHY

ALCANTARA, Guilherme de. **Abaixo a farofa!** : exclusão “legitimada” em territórios de praia. 2005. 158f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível on-line via www em: <TTP://teses.ufrj.br/IPPUR_M/GuilhermeDeAlcantara.pdf> Capturado em: 06 de out. de 2008. 16:06:02

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo: fundamentos e dimensões**. São Paulo: Ática, 2002.

AOUN, Sabáh. **A procura do paraíso no universo do turismo**. São Paulo: Papirus, 2001.

- BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998, p. 106-120.
- BOURDIEU, Pierre. Gosto de Classe e Estilo de Vida. In: ORTIZ, Renato. **Pierre Bourdieu: Sociologia**. 2 ed., 1994, p. 82-121.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BRUHNS, Heloisa Turini. Turismo e lazer: viajando com personagens. In: SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa Turini; LUCHIARI, Maria Tereza D. P. (Orgs). **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. São Paulo: Papirus, 2000, p. 81-103
- CARDOSO, Eduardo Mattos. **A invenção de Torres: do balneário picoral à criação da sociedade amigos da praia de Torres - SAPT (1910-1950)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008. Disponível on-line via www em: < http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailObraForm.do?select_action=&co_obra=144767> Capturado em: 16 de fev. de 2011. 20:15:01
- CORBIN, Alain. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. São Paulo: Aleph, 2001.
- MACHADO, Helena Cristina F. *A construção Social da Praia*. **Revista Sociedade e Cultura 1**, Cadernos do Noroeste, série Sociologia. v. 13, p. 201-218, 2000.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Hucitec, UNESP, 2003.
- MAYER, Adrian C. A importância dos quase grupos no estudo das sociedades complexas. In: FELDMAN-BIANCO, Bela. (Org.) **Antropologia das sociedades contemporânea: métodos**. São Paulo: Unesp, 2010.
- RAUCH, André. As férias e a natureza revisitada. In: CORBIN, Alain (Org.). **História dos tempos livres: o advento do lazer**. Lisboa: Teorema, 1995. p. 93-135
- REJOWSKI, Mirian; YASOSHIMA, Beatriz Veronezes Stigliano; SILVEIRA, Adalgiso Silva. Desenvolvimento do turismo. In: REJOWSKI, Mirian (Org.). **Turismo no percurso do tempo**. São Paulo: Aleph, 2002, p. 43-73
- RODRIGUES, Adyr Balastrieri. **Turismo e Espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar**. São Paulo: Hicitec, 2001.
- URRY, John. **O Olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas**. São Paulo: Studio Nobel: SESC, 2001.

ABSTRACTS

Este ensaio propõe um estudo sobre o sentido simbólico do lazer na prática do excursionismo, a partir de uma análise sobre a praia como cenário de lazer e sociabilidades. Excursionismo é aqui definido como sendo os passeios e/ou viagens temporárias organizadas de forma coletiva, permitindo a formação de quase grupos que exercem uma sociabilidade ocasional. Nessa perspectiva, traçamos a caracterização de dois segmentos de excursionistas, os populares conhecidos como “farofeiros” e os turistas, que se diferenciam por suas formas de vivenciar a praia e por distintos padrões de consumo. Com base nesta distinção, buscou-se analisar a

implementação de políticas públicas de turismo que atuam na exclusão das classes populares através de medidas de restrição que disciplinam o acesso dos excursionistas aos espaços da praia.

INDEX

Palavras-chave: excursionismo, lazer, exclusão

AUTHORS

ADJANE ARAÚJO

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento - Prodema/
UFPB. adjanearaujo@gmail.com

MARISTELA OLIVEIRA DE ANDRADE

Professora da UFPB - Universidade Federal da Paraíba. andrademaristela@hotmail.com